

// Seminário Interdiocesano

Um novo seminário a crescer

Este ano, numa experiência pioneira, a diocese de Bragança-Miranda uniu-se a mais três dioceses numa partilha de recursos para a formação. O seminário interdiocesano tem funcionado em Braga desde o início do ano. Conheça algumas das suas histórias, pelo punho dos seus alunos.



● Foto de conjunto

No mês de Outubro de 2013 abriu um novo Seminário em Portugal: trata-se do Seminário Interdiocesano de São José, com sede em Braga. É constituído por seminaristas das Dioceses de Bragança-Miranda, Guarda, Lamego e Viseu e por uma equipa de quatro sacerdotes.

Os seminaristas frequentam as aulas na Faculdade de Teologia de Braga, da Universidade Católica Portuguesa.

Desde há vários anos, os seminaristas das quatro Dioceses frequentavam o Instituto Superior de Teologia de Viseu, com sede no seu Seminário Maior (estará sempre por cumprir o dever de gratidão ao excelente corpo docente deste Instituto e sobretudo à Diocese de Viseu). Por várias razões, no entanto, o Instituto teve de encerrar. Mas com isso não acabou, porque nunca pode acabar, a comunhão entre as Igrejas.

E desse esforço de comunhão

e da vontade de continuar juntos a procurar o melhor para a formação dos futuros sacerdotes, nasceu este novo projecto comum. Um seminário interdiocesano é uma realidade nova em Portugal. Também por isso é um grande desafio, em primeiro lugar para quem mais directamente nele está envolvido, mas também para os presbitérios e para todos os diocesanos, pois a causa das vocações sacerdotais é responsabilidade de todos os cristãos.

Não se pode ignorar que esta situação, fruto, também, do reduzido número de seminaristas, causa inquietação, sofrimento, opiniões diversas. A alguns traz mesmo à memória aquele momento particularmente doloroso da história do povo de Israel que foi o exílio da Babilónia. Foram anos em que se abalou a confiança no Deus da aliança. Mas com a ajuda dos profetas, perceberam que

Deus é sempre fiel e tem coisas muito importantes a dizer, mesmo estando longe da sua “sua” cidade e do “seu” templo... Para quem passou das lamentações à esperança, aquela “noite escura” revelou-se uma bênção, uma aprendizagem, um momento de conversão.

Com grande sabedoria, os padres e mestres espirituais das Igrejas do Oriente costumavam dizer que a vida cristã consiste em adquirir o Espírito Santo.

Sem a acção do Espírito Santo, a Igreja não existiria, a palavra de Deus não seria escutada como tal, não haveria santos, nenhum acto de caridade seria possível. Por isso, pessoalmente, gosto de ver os dois mil anos da história da Igreja, como história de espiritualidade, isto é, como a história que o Espírito Santo foi construindo em sinergia com os homens e mulheres que se abriram à sua acção

e na medida em que o fizeram.

Perceber a presença e a acção do Espírito na vida da Igreja é um exercício de fé, mas também de esperança.

Apesar dos pecados da Igreja, e sabendo que a graça de Deus não anula a natureza humana, antes a supõe e aperfeiçoa, é vital acreditar que o Espírito continua, no presente, a guiar a Igreja universal, assim como as nossas Igrejas particulares.

Evoquemos a memória do exílio sem deixar de evocar a memória viva do Espírito Santo. Não para nosso consolo estéril, mas para que nos ilumine, nos faça encontrar os caminhos certos e nos desinstale. Para que nos deixemos desafiar por Ele e como Igreja percebamos para onde nos chama nesta hora. “Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às Igrejas” (Ap 2,7)

Pe. Paulo Figueiró

Em destaque do Primeiro Semestre:

- No dia 22 de setembro: visita ao Mosteiro de Tibães;
- No dia 14 de outubro celebrou-se a abertura oficial do Seminário, com a presença de vários sacerdotes das nossas dioceses e dos nossos Bispos, D. José Cordeiro, que presidiu à Eucaristia, D. Manuel Felício e D. Elídio. D. António Couto não pôde estar presente por motivos de saúde;
- No dia 17 de outubro os seminaristas participaram numa conferência sobre a vida de Santa Hildegarda no auditório da Faculdade de Ciências Sociais;
- No dia 22 de outubro participámos na Eucaristia festiva de São Martinho de Dume, na Sé de Braga, presidida pelo Sr. Arcebispo D. Jorge Ortiga;
- No dia 13 de novembro ocorreu o Magusto da Faculdade de Teologia;
- No dia 14 de novembro, por ocasião da Semana de oração pelos seminários, foi realizada uma Vigília de oração na nossa capela;
- No dia 15 de novembro os seminaristas que fazem parte do coro académico da Faculdade de Teologia estiveram no Mosteiro de Tibães, por ocasião da vinda do Sr. Presidente da República a Braga;
- No dia 21 de novembro os seminaristas estiveram presentes na conferência “Espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há-de vir”, com o conferencista Padre Doutor José Tolentino Mendonça, no Auditório Vita;
- No dia 27 de novembro ocorreu o nosso magusto no qual estiveram presentes os seminaristas do Seminário Conciliar de Braga, juntamente com a sua equipa formadora. Além de ter sido ocasião de convívio, com um jogo de futebol, celebraram a Eucaristia connosco, na Capela do Nosso Seminário.
- No dia 3 de dezembro esteve connosco o Sr. D. Manuel Felício, Bispo da diocese da Guarda que presidiu à Eucaristia, assim como à oração de Laudes do dia seguinte.
- No dia 5 de dezembro, os seminaristas participaram na Eucaristia, presidida pelo Sr. Arcebispo de Braga, D. Jorge Ortiga, na Sé Catedral, por ocasião da celebração das memórias dos bispos S. Frutuoso, S. Martinho de Dume e S. Geraldo.

Testemunho vocacional



● Seminário interdiocesano, em Braga

“Seduziste-me Senhor e eu deixei-me seduzir”(Jr. 20,7) Toda a vocação é um diálogo entre duas pessoas. Deus que chama e o homem que é convidado a responder-Lhe, a dar uma resposta a esse convite que Deus faz a cada um de nós. Ele está constantemente a enamorar-se de nós e, por isso, é necessário estar atento e responder, sem ter medo de se deixar seduzir e de assumir essa relação com o Senhor.

Cada um de nós tem uma história diferente para contar, pois a cada um o Senhor seduz de maneira diferente. Foi assim com Abraão, com Moisés, David, os Apóstolos, etc. Para uns essa relação começa logo quando os pais resolvem pedir para os filhos o Sacramento do Baptismo, para outros, como é o meu caso, esse enamoramento começa mais tarde. É sobre a minha relação com Aquele que primeiro me amou que eu vos vou falar.

Sou o Marcelo, natural de S. João da Pesqueira, tenho 19 anos, e estou no 1ºAno de Teologia... Fui baptizado e nunca mais tive ligação com a fé, venho de uma família onde apesar de bastante numerosa poucos são os cristãos. Fui criado e educado pelos meus avós paternos até 2010, ano em que faleceu a minha avó. De todas as conversas que tivemos, sempre me procuraram levar ao caminho da fé.

Tinha onze anos quando comecei a frequentar a igreja, comecei a participar na Eucaristia como acólito e dois anos mais tarde, em 2008, fizeram-me o convite para entrar no seminário, ao qual eu respondi: não... Falei com a minha avó e ela disse que se quisesse e me sentisse chamado que seria um orgulho para eles. Mas não. Havia algo em mim a dizer que não era a hora, devia esperar. E descobri o porquê mais tarde. Para mim viver era entrega e entrega aos outros, pois “o ser humano é um ser para os outros e em relação com os outros!”

Quis viver em função dos problemas da sociedade, olhar cada rosto diariamente de maneira diferente, sorrir, ajudar, dar a mão à vida dos outros... fui trabalhando, estudando... até ao ano 2012, altura em que senti que devia entrar no Seminário. E entrei no Seminário de Nossa Senhora de Lourdes, em Resende. Uma etapa difícil, pois antes de entrar tive de dizer aos meus pais que queria ir para o Seminário e isso não foi muito fácil de aceitar para eles. Mas consegui e apesar de não gostarem muito da ideia, apoiaram e não colocaram entraves.

Falei também com o meu avô (a minha avó já tinha falecido) pois os meus avós sempre foram os meus primeiros pais,

quem me deu a educação e o ser... e lembro-me das palavras dele como se fosse hoje “ Marcelo, meu neto, onde quer que esteja a tua avó, sabes bem que te amamos e seja qual for o teu caminho, estaremos sempre aqui, és o nosso orgulho.

Se nesse caminho cáíres, nós estaremos sempre lá para te ajudar a levantar e a seguir em frente, nada nesta vida é fácil mas tudo vale a pena. Lembra-te: estarás sempre connosco e nós contigo, não tenhas medo...” O meu avô faleceu este ano em Janeiro e nunca me esquecerei dele pois quando estou perdido sei que eles estão sempre lá para me ajudar. Terminada a minha jornada em Resende, que foi uma experiência inesquecível (os colegas, professores, tudo foi gratificante...), chegou então a altura de decidir: continuar e ser um seminarista maior ou sair e ser um cristão empenhado. Mas Deus falou mais alto e há uma passagem na Bíblia que diz “Seduziste-me Senhor e eu deixei-me seduzir”(Jr. 20,7), e assim foi... agora aqui estou a contar um terço da minha história e sou somente um pequeno vaso de barro em modelação pelo oleiro que é Deus e seu Filho Jesus. Continuem a rezar pelas vocações que nós continuaremos a rezar por vós.

Marcelo, 1º ano de Teologia

A música litúrgica enquanto expressão da fé

A música é a expressão mais viva do homem. Com ela todos os sentidos vibram procurando uma harmonização entre si.

O célebre Aristóteles afirmava: “A música é celeste, de natureza divina e de tal beleza que encanta a alma e a eleva acima da sua condição.”

É peculiar esta vertente, que os grandes artistas elaboraram, de ligar o homem a Deus através de sons genialmente equilibrados. Como sabemos, a música é indispensável à vivência da fé.

Em grande parte, a música está presente em todas as ações litúrgicas e, por conseguinte, tem de manifestar a fé, de tal modo que, através dos sentidos que ela estimula, possa contribuir para que outros possam abraçar a mesma fé.

Para Santo Agostinho, a música foi um dos auxílios para a sua conversão, ele não era indiferente a esta arte. Na verdade, “onde há encontro entre Deus e o homem não há palavras, porque aí são despertadas as partes da sua existência que por si se tornam canto e música.” (Cardenal Joseph Ratzinger).

É Cristo que nos ensina a fa-

lar com o Pai e nos liga corretamente à liturgia celeste. Ele é o verdadeiro diretor do coro que dá à Igreja o tom e lhe ensina o cântico novo. A Igreja sempre se preocupou com a expressão musical, mas a música sacra nasce como carisma, como dom do Espírito. É o Espírito que ensina a cantar e o canto da Igreja tem origem no amor.

Mas qual a finalidade da música na liturgia?

Para lá daquela que vem em nosso favor, porque nos aproxima de Cristo e auxilia no relacionamento, serve sobretudo para o louvor a Deus

A Igreja sempre se preocupou com a expressão musical, mas a música sacra nasce como carisma, como dom do Espírito.

operante. “A música só tem por fim louvar a Deus e re-crear a alma (dentro de justos limites). Quando se perde isso de vista, já não pode haver verdadeira música, e não restarão senão barulhos e gritos infernais.” Johann Sebastian Bach, vai longe nesta afirmação, e com razão, pois tudo converge para o criador e tudo deve estar em perene louvor, a orientação deve culminar no sentido: Ad maiorem Dei gloriam, para maior glória de Deus.

Portanto, a música assume uma função importante. Ela é parte integrante na liturgia, pois sempre tiveram uma relação fraterna. A música eleva-nos, e não é mero adorno na liturgia.

Quando o Homem louva o Criador utiliza palavras. No entanto, a palavra inserida na música ganha um maior vigor, pois é expressada de forma mais intensa com todos os sentidos que acarreta.

Joel Valente, 5º Ano Teologia

